

APONTAMENTOS SOBRE A PESQUISA EM EDUCAÇÃO: USOS E POSSIBILIDADES DO GRUPO FOCAL

*Alberto Albuquerque Gomes**

*Doutor em Educação – Unesp;
Professor assistente – Unesp.
alberto@prudente.unesp.br, São
Paulo [Brasil]

Este trabalho apresenta algumas reflexões e considerações sobre o dilema entre a pesquisa em educação e o uso da entrevista de grupo focal como alternativa metodológica para coleta e aprofundamento das análises de dados. Além disso, indica alguns procedimentos básicos na organização e condução das entrevistas de grupo focal.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevistas. Grupo focal. Pesquisa em educação. Pesquisa qualitativa.

1 Introdução

A questão do “método” na pesquisa em ciências sociais tem sido objeto de inúmeras discussões e de estímulo à produção de vários textos para esclarecer sua relevância no contexto acadêmico em geral. Selltiz e outros (1974), Smith (1983), Smith e Heshusius (1986), Lüdke e André (1986), Thiollent (1988) e Fazenda (1989; 1992) são alguns dos autores que se têm dedicado ao tema. Selltiz e outros (1974) argumentam que, embora a pesquisa não possa dar respostas finais às perguntas que estuda, tem-se dispensado grande esforço para criar processos que aumentem a provável precisão de respostas de pesquisa. Um dos principais eixos dessa discussão tem sido procurar caminhos e instrumentos que devem ser utilizados para aumentar o grau de precisão e confiabilidade que validem os resultados da pesquisa. Como afirmam Selltiz e outros (1974), apesar da impossibilidade de respostas finais, principalmente quando se trata de analisar fenômenos sociais, é necessário aperfeiçoar processos que permitam aproximações cada vez mais fidedignas com relação ao fenômeno estudado. Em decorrência, nesse percurso, a decisão do caminho a ser seguido na investigação científica constitui um dos aspectos fundamentais para o “sucesso” da pesquisa.

Inspirando-me na raiz grega do termo método, que evoca caminho, e atentando para a evolução da própria concepção de metodologia, que hoje se preocupa muito mais com o percurso que levará o pesquisador à construção do conhecimento do seu objeto de estudo do que com as regras que ele deverá seguir, gostaria de compartilhar com os colegas as lições de um caminho feliz, que pode ser encontrado na pesquisa. Esta deve ser a grande preocupação do investigador ao delimitar o problema a ser investigado: como caminhar assegurando um caminho feliz para a pesquisa? Além disso, cabe aqui uma reflexão sobre como a pesquisa pode instrumentalizar a ação.

Conhecimento e ação na pesquisa em ciências sociais se articulam na medida em que a produção do conhecimento sobre o fenômeno existe em função de uma demanda social. “[...] temos que fazer isso ou aquilo para alterar a situação [...]” (THIOLLENT, 1988, p. 40).

Ao refletir sobre a questão ética da pesquisa, sugere-se que

Na relação entre obtenção do conhecimento e direcionamento da ação há espaço para um desdobramento do controle metodológico em controle ético. Os pesquisadores discutem, avaliam e retificam o envolvimento normativo da investigação e as propostas de ação dela decorrentes. Frequentemente, na relação entre descrição e norma de ação, o ponto de partida não é a descrição objetiva, e sim as exigências associadas à norma. Isto é metodologicamente condenável. Em função de uma norma de ação preexistente, instituída ou não, o pesquisador pode ser levado a descrever os fatos de um modo favorável às conseqüências práticas correspondentes às exigências daquela norma. Trata-se de um efeito de “contaminação” das normas de ação sobre a observação ou a descrição. Não sabemos se é possível neutralizar esse efeito. Seja como for, essa fonte de distorção deve ficar sob controle dos pesquisadores, dos pontos de vista metodológico e ético. (THIOLLENT, 1988, p. 40).

Em outras palavras, se a pesquisa não deve ser submetida às normas de ação, por outro lado não se pode perder de vista que a produção do conhecimento científico deve ser clara, transparente e acessível ao conjunto da população. Evidentemente que os limites do que é ético ou não são muito tênues e, como reconhece o próprio autor, talvez não seja possível neutralizar esse efeito, embora os investigadores assegurem um maior controle dessa variável.

2 Sobre os princípios de investigação

A construção do referencial teórico-metodológico para a inserção do investigador no campo de pesquisa revela-se de fundamental importância, uma vez que é preciso saber o que “olhar”, sob risco de tudo olhar e nada ver. Em outras palavras, a natureza do estudo proposto exige do investigador uma postura cuidadosa e atenciosa com o objeto, pois, por meio da observação das “coisas cotidianas”, é que se pode ver o que está oculto, ouvir o que não foi dito e ler aquilo que não está escrito. Nesse contexto, devemos considerar dois aspectos fundamentais: 1) As representações como resultado de práticas sociais concretas, ou seja, síntese de múltiplas determinações; 2) As representações não são simplesmente resultados dessas práticas sociais, mas a teia de relações cotidianas que refletem a produção material e a intelectual do grupo social, isto é, as representações constituem a “costura” do mundo material e do mundo imaginário, que nada mais é do que a forma pela qual o grupo e o indivíduo interpretam o mundo e dele se apropriam.

Em outras palavras, ao delimitar e desenhar o cenário da pesquisa, o investigador deve considerar a intenção de construir, segundo Gurvitch (1979, p. 145),

[...] uma dialética entre o parcial e o global, que toma por vezes o caráter de complementaridade, outras o da implicação mútua, da polarização, ou, por fim, da reciprocidade de perspectivas, dialética característica do conjunto da vida social [...]

Isto é, há sempre uma possibilidade de o investigador, ao abordar o micro e o macrosociológico, vir a construir um quadro geral do real que lhe permita compreender as particularidades da tessitura social investigada e, ao mesmo tempo, entender as implicações sociais, políticas e econômicas do fenômeno estudado no todo e vice-versa.

3 O uso do grupo focal como técnica de coleta de dados

Um dos eixos fundamentais de uma investigação, seja de que natureza for, é o metodológico. Poderíamos dizer, com certa segurança, que a metodologia, o enquadramento teórico e a habilidade do investigador na construção do trabalho científico compõem o tríptico que sustenta a investigação científica.

Apesar da obviedade dessa constatação, o delineamento metodológico de uma investigação científica tem sido o nó górdio, a grande preocupação dos investigadores, sejam iniciantes ou experimentados, pois ficam apreensivos quando devem definir o caminho a ser desenvolvido, escolher a técnica de coleta de dados, as associações de técnicas e as formas de refinamento dos dados recolhidos ao longo da investigação de campo. Diante disso, propusemo-nos como desafio refletir sobre uma técnica de recolha de dados que, em primeiro lugar, ultrapassa os limites da discussão sobre qualidade e quantidade no tratamento desses dados; em segundo, porque apoiada em pressupostos que vão da antropologia ao marketing, permite fazer aflorar as diversas dimensões e visões de diferentes indivíduos a respeito de um tema previamente definido dentro de um grupo. Estamos nos referindo ao “grupo focal”.

O grupo focal (*focus group*) é uma técnica qualitativa de coleta de dados, originalmente proposta pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton (1910-2003), com a finalidade de obter respostas de grupos a textos, filmes e questões. A proposta inicial era conseguir, pela introspecção de diferentes sujeitos, informações sobre a vida diária e como cada indivíduo é influenciado por outros em situação de grupo e de que maneira ele próprio influencia o grupo, utilizando uma “entrevista focalizada”, com roteiros de questões e respostas de um grupo de indivíduos selecionados pelos investigadores, tendo em vista um tópico de pesquisa. A finalidade principal dessa modalidade de pesquisa é extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento.

Merton é considerado o pai da entrevista de grupo focal. Segundo ele, esse tipo de entrevista foi criado para cumprir dois papéis: possibilitar checagens adicionais para investigar uma experiência concreta, como respostas para um filme ou programa de rádio, e para obter respostas por meio de experiências recorrentes. Segundo Vaughn, Schumm e Sinagub (1996), Merton recomendava os seguintes procedimentos para a condução da entrevista de grupo focal: 1) Os envolvidos no grupo focal devem ter testemunhado um evento em comum, como ouvir um programa de rádio, ou assistido a um filme; 2) Os elementos sob investigação devem ser examinados antecipadamente, de forma que o investigador vá à entrevista de grupo focal com um conjunto de hipóteses pré-formuladas; 3) Com base no conhecimento prévio, devem desenvolver um guia para a entrevista de grupo focal; 4) A atenção da entrevista de grupo focal deve fixar-se nas experiências subjetivas das pessoas participantes. Nesse sentido, é fundamental para o desenho original da entrevista de grupo focal que todos os participantes tenham experimentado situação semelhante, concreta.

Como primeiro passo da pesquisa, seguido de estudos para refinar e explicitar resultados, os grupos focais são mais usados nas pesquisas exploratórias. Merton e Kendall (apud VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996) identificaram quatro usos para a entrevista de grupo focal: 1) A entrevista de grupo focal permite explicar a relação entre estímulo e efeito. Se forem enviados às pessoas panfletos que tratam dos perigos do tabagismo e houver, de fato, uma redução do hábito de fumar naquele grupo, não se poderá afirmar categoricamente que isso seja um efeito da remessa dos panfletos. Os grupos focais podem ser usados para melhor averiguação e compreensão das causas que estão por trás de tal evento, a partir da interpretação dos relatos de pessoas escolhidas. 2) A entrevista de grupo focal pode fornecer informações que ajudem na interpretação de efeitos inesperados, tais como: um subgrupo de indivíduos não responde como se esperava; uma pesquisa revela que os pais de estudantes de uma escola não querem seminários para a prevenção contra o uso de drogas – os grupos focais podem determinar as razões dessa negativa. 3)

Entrevistas de grupo focal permitem verificar a interpretação de dados, além das conjecturas. Por exemplo, numa pesquisa sobre os fatores que inibem o planejamento do professor para dar atendimento ao estudante com necessidades especiais, podem ser arrolados, como dificuldades primárias, aspectos orçamentários, uma vez que tais restrições implicam aumento do tamanho das classes, dificultando o trabalho do professor. É possível usar entrevistas de grupo focal para verificar se essa interpretação é correta. 4) Entrevistas de grupo focal permitem que se forneçam interpretações alternativas para alcançar os resultados não conseguidos por meio de métodos quantitativos tradicionais (por exemplo, por que os estudantes do ensino médio preferem esta ou aquela disciplina). A entrevista de grupo focal pode desvendar problemas bastante complexos, além de facilitar a tomada de decisões, fornecendo informações adicionais aos responsáveis pela pesquisa.

4 Argumentos a favor do uso do grupo focal como técnica qualitativa de coleta de dados

As entrevistas de grupo focal oferecem ao investigador versatilidade e uma variedade de alternativas para coleta de dados. Como se trata de uma técnica de investigação que aproxima investigador e sujeitos da pesquisa, o grupo focal permite ao investigador uma certa flexibilidade na condução da entrevista e maior aproximação com os dados coletados. Em outras palavras, o investigador pode checar as informações *in loco*, ou seja, no momento que são oferecidas pelos informantes. O ambiente proporcionado pela organização do grupo focal permite interação entre os membros do grupo; as informações prestadas por um dos integrantes estimulam os demais a falar sobre o assunto; o debate entre eles enriquece a qualidade das informações; o fato de se encontrar um grupo de iguais dá mais segurança ao participante para expressar suas opiniões, com respostas mais espontâneas e genuínas.

Nas investigações em educação, as entrevistas de grupo focal oferecem ainda a oportunidade de armazenar dados qualitativos relativos às percepções e opiniões de indivíduos selecionados. Se aplicadas adequadamente, o investigador poderá captar informações preciosas sobre os pensamentos e sentimentos dos participantes, em tempo relativamente curto. Ao contrário do que ocorre nas coletas de dados como o *survey*, em que as aproximações são mais impessoais, as entrevistas de grupo focal têm potencial para tornar o investigador mais íntimo do tópico de pesquisa, por meio de um encontro direto, intensivo com os indivíduos pesquisados, que constituem, nesse processo, valiosas fontes de informação sobre si mesmos e que podem ser utilizados nas entrevistas de grupo focal, para examinar fontes de tensão nas relações entre professores e alunos e tentar compreender os contextos de violência e indisciplina na escola.

Os participantes de entrevistas de grupo focal têm mais oportunidades de esclarecer e oferecer exemplos sobre aquilo que está em foco, o que não ocorre na maioria das entrevistas estruturadas. Além disso, moderadores bem preparados podem usar estratégias que auxiliem os participantes a avançar em seus comentários.

Embora outras técnicas, tais como entrevistas individuais e observações, possam proporcionar ao investigador um contato direto e intensivo com os indivíduos, o formato de um grupo interativo como o grupo focal oferece vantagens para uma rica e detalhada coleta de dados, pois suas entrevistas encorajam a interação não só entre o moderador e os participantes, mas também entre os participantes. Por outro lado, o formato do grupo oferece apoio aos participantes individuais, encorajando maior franqueza nas suas respostas. Por essas características, as entrevistas de grupo focal permitem ao investigador testemunhar a discussão dinâmica e interativa sobre os tópicos enfocados.

Uma das vantagens da adoção da entrevista de grupo focal como técnica principal para coleta de dados é a possibilidade de usá-la isoladamente ou

combinada com outras técnicas. Morgan (1997) sugere que a entrevista de grupo focal seja mesclada com outras técnicas para assegurar fidedignidade e profundidade dos dados coletados.

Outro aspecto a ser destacado é a adequação da entrevista do grupo focal ao paradigma de pesquisa qualitativa podendo ser conciliada com outras estratégias de pesquisa como a etnografia, a pesquisa participante e a pesquisa-ação.

Finalmente, na entrevista de grupo focal, a interação entre moderador e participante e entre os participantes tem o potencial de acrescentar profundidade e dimensão ao conhecimento.

5 Como organizar um grupo focal?

Durante um longo período, a entrevista de grupo focal foi relegada a segundo plano pelos cientistas sociais, sendo privilegiada apenas como técnica de marketing, o que, entretanto, não impediu que os investigadores da área de ciências sociais pesquisassem formas de coleta de dados que superassem os tradicionais questionários com questões fechadas. Essa busca levou ao desenvolvimento de técnicas de entrevistas não-diretivas, sem que, no entanto, isso assegurasse a apropriação dessa técnica pelas ciências sociais.

As entrevistas com grupos focais podem ser utilizadas em todas as fases de um trabalho de investigação. São apropriadas para estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos. São utilizadas, por exemplo, quando se investigam questões complexas no desenvolvimento e implementação de programas, como aspectos relacionados a dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados.

A escolha de entrevistas com grupos focais como fonte de informação deve ocorrer após a elucidação do propósito da pesquisa e a identificação de

quem utilizará as informações. É fundamental que haja clareza quanto às informações necessárias, para entender as razões de ser de cada uma delas e sua adequação a essa técnica como forma de coleta de dados.

Para a constituição de um grupo focal, é preciso, antes de tudo, definir claramente o problema a ser avaliado e determinar alguns critérios para a formação do grupo. Por exemplo, o grupo pode ter uma composição homogênea, preservando certas características heterogêneas – um balanço entre uniformidade e diversidade do grupo. Para que os participantes se sintam confortáveis e livres para participar da discussão, sexo, faixa etária aproximada, experiência profissional ou envolvimento/participação na atividade avaliada podem servir de variáveis. A escolha das variáveis vai depender do que e para que se investiga.

A freqüente diferença que há entre as metas de pesquisa com grupos focais e as metas de pesquisa quantitativa faz com que os procedimentos para selecionar uma amostra sejam também diferentes. A definição de uma amostra aleatória extraída de um grupo deve considerar, na seleção dos membros, características predeterminadas. Se houver um grande conjunto de indivíduos que possua essas características, é possível fazer a seleção aleatória dos participantes daquele grupo.

Uma das formas de organizar uma amostra para entrevistas de grupo focal é a seleção dos sujeitos com base em critérios predeterminados, de forma que, depois de selecionados, possam contribuir para a pesquisa. Se um investigador estiver interessado em trabalhar com um grupo focal composto de três professores que estejam desenvolvendo uma estratégia de ensino específica na sala de aula, os temas devem seguir alguns critérios: 1) Se o professor está implementando a estratégia designada; 2) A duração do tempo em que o professor tem implementado a estratégia; 3) O nível dos estudantes; 4) Critérios descritivos sobre o professor (tempo de experiência, nível educacional, experiência pedagógica); 5) critérios descritivos sobre o estudante (por exemplo, nível da classe, situação socioeconômica e habilidade lingüística).

Dois riscos merecem atenção do investigador durante a construção de uma amostra dirigida: a conveniência e a generalização. O uso de amostras de conveniência pode distorcer os resultados da pesquisa, pois é possível que, involuntariamente, se induza os sujeitos a determinadas respostas. Por outro lado, a generalização não é a meta das entrevistas de grupo focal. A finalidade principal desse tipo de entrevista é o levantamento de informações que permitam ao investigador compreender a gênese e a constituição de determinado grupo, como se fosse um estudo de caso preliminar.

Ao estabelecer os propósitos da entrevista de grupo focal e identificar, antecipadamente, os critérios de seleção dos participantes, devemos ainda considerar os seguintes aspectos: 1) o número de participantes; 2) Se os participantes são homogêneos; 3) até que ponto os participantes ofereceram informações confiáveis, levando em conta o propósito do estudo.

Alguns estudos sobre a constituição de grupos focais (MORGAN, 1997, VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996) recomendam que o tamanho do grupo deve variar entre seis e dez membros; recomenda-se ainda que sejam convidados mais 20% para cobrir possíveis ausências. Sugere-se calcular o número de canais de comunicação possíveis no grupo, utilizando-se a fórmula $N \times (N - 1) : 2$, em que N é igual ao número de participantes. Desse modo, pode-se ter uma idéia inicial de quantos componentes são necessários num grupo, a depender das características deles e do tema de discussão. Por exemplo: se o grupo contar com seis componentes: $6 \times (6 - 1) : 2 = 15$ canais possíveis de comunicação.

Deve-se levar em conta a quantidade de grupos, considerando a homogeneidade da população em relação ao objeto focado, variando de um mínimo de três ou quatro grupos até dez ou 12, no máximo. O importante é selecionar pessoas que tenham diferentes opiniões sobre o tema a ser discutido para obter não uma representação quantitativa de diferentes opiniões e setores, e sim o relato de cada segmento sobre o objeto em estudo.

Os participantes devem ser vagamente informados do tema da discussão, para que não compareçam com idéias preestabelecidas. Quando necessário, podem ser produzidos meios que lhes facilite a presença (cartas para que sejam liberados no horário de trabalho etc.) e deve-se sempre confirmar antecipadamente o comparecimento à reunião.

Os encontros devem ser desenvolvidos em local que favoreça a interação entre os participantes: uma sala com cadeiras confortáveis ou em volta de uma mesa é suficiente. Também se recomenda que as reuniões durem entre uma hora e meia e duas horas. Pode-se utilizar equipamento para registrar as discussões, de preferência dois gravadores. É importante identificar, com um cartão, cada participante.

6 Como conduzir uma entrevista de grupo focal

O moderador deve, inicialmente, esboçar o propósito e o formato da reunião, para que os participantes saibam o que esperar das discussões e fiquem à vontade, e, em seguida, dizer que a entrevista ou discussão será informal e que se espera a participação de todos, com o máximo de espontaneidade possível. Além disso, deve explicar os objetivos do encontro, como foram selecionados os participantes e por que não foram dadas, até aquele momento, muitas informações sobre a reunião, sobre o uso de gravadores e o sigilo das informações obtidas. É igualmente necessário que informe aos participantes a duração do encontro e como será desenvolvido; em seguida, deve fazer uma rodada inicial de falas, possibilitando a todos um comentário geral a respeito do tema, deixando claro que todas as opiniões interessam e que, portanto, não existem boas ou más sugestões. Para que haja uma boa gravação das falas, cada membro deve aguardar a vez para expressar sua opinião.

Cabe ao moderador proporcionar uma atmosfera favorável à discussão, controlar o tempo e estimular a manifestação de todos. Em alguns mo-

mentos, deve fazer várias perguntas abertas sobre o tema, com o intuito de conduzir a discussão; para tanto, precisa ter um roteiro de questões, que poderá ser usado ou não. Deve evitar a monopolização da discussão por um dos participantes, encorajando os mais reticentes, estar atento às expressões gestuais dos envolvidos e saber interpretá-las. O moderador deve ter uma boa experiência na condução de grupos, clareza de expressão, capacidade de ouvir e, ao mesmo tempo, deve ser flexível, vivo, sensível e simpático, além de ter senso de humor (o papel de moderador é mais uma questão de arte do que de técnica).

7 Organização, interpretação e análise dos dados

Depois de cada reunião, a equipe de investigadores deve elaborar relatórios com o resumo das informações e impressões colhidas pelo grupo focal e suas implicações no estudo. Para análise dos dados, deve-se levar em consideração palavras utilizadas repetidamente, o contexto no qual a informação foi obtida, concordância entre as opiniões dos participantes, alteração de opiniões ocasionadas pela pressão dos grupos, respostas decorrentes de experiências pessoais de maior relevância e não impressões vagas, idéias principais, comportamentos, gestos, reações, sentimentos, valores de ordem pedagógica, ideológica e ética, preconceitos, dificuldades de compreensão das perguntas feitas, entusiasmos, dificuldades no enfrentamento de desafios, aproveitamento dos espaços de liberdade etc.

É recomendável e desejável que o moderador participe do processo de organização, interpretação e análise dos dados, pois ele possui as melhores informações sobre as expressões faciais, sobre o tom usado pelos participantes, o contexto das falas e o clima da discussão. É necessário transcrever as discussões gravadas. Não existe um modelo acabado de análise dos dados. Em geral se utilizam os seguintes passos:

- Elaboração de um plano descritivo das falas, que consiste na apresentação das idéias, com destaque para diferenças entre as opiniões e discurso dos grupos focais;
- Deve-se ouvir repetidas vezes as falas registradas e agrupar os fragmentos dos discursos de acordo com as categorias identificadas;
- A análise deve extrair tudo que for relevante e associado ao tema ou à categoria. As categorias podem ser geradas a partir das informações obtidas. O guia usado pelo moderador pode servir de esquema inicial das categorias. Durante a discussão também podem surgir novas variáveis;
- Tentar capturar as idéias principais que apoiem as conclusões da análise. Os analistas podem buscar tendências e formular conclusões sobre as conexões encontradas;
- Deve-se elaborar um relatório dos resultados do grupo focal, evitando generalizações e acentuando as relações entre os elementos identificados, pontuando ou avaliando interpretações dos participantes. Citações dos discursos devem ser usadas com parcimônia, não devendo ultrapassar mais de 1/3 do relatório.

8 Combinação entre grupo focal e outras opções metodológicas

As investigações de natureza qualitativa têm privilegiado a observação participante ou a entrevista individual como principais opções metodológicas. Como ilustra Morgan (1997), há sempre a possibilidade de conciliação entre distintas escolhas metodológicas, em que uma pode suprir a deficiência da outra e se beneficiar de suas virtudes. Quando o autor se refere ao grupo focal e à observação participante, aponta que, no primeiro caso, trata-se de uma abordagem pouco natural e, no segundo, a grande desvantagem é a demora para que o pesquisador se instale e ganhe a confiança do grupo.

Levando em conta essa comparação, sugere que é possível conciliar o grupo focal com a observação participante. Se, por um lado, a observação participante é mais adequada a estudos etnográficos, por outro, o grupo focal pode funcionar como uma forma de antecipar informações sobre o grupo e seus sujeitos que, certamente, demoram mais a ser apurados com a observação participante. Em relação à entrevista individual, existe maior controle da informação por parte do investigador, enquanto o *focus group* permite – ainda que em menor profundidade – o acesso a um maior volume de informações de um número maior de sujeitos. Como se pode observar, há muitos usos para o grupo focal, isoladamente ou em combinação com escolhas metodológicas. Fundamentalmente, essa técnica tem, no caráter exploratório, sua grande virtude, o que nos permite construir desenhos de pesquisas que valorizem esse caráter e os modos de investigação como os *surveys*, a pesquisa experimental, a observação participante e as entrevistas individuais. O argumento principal para essa proposição é o de que nenhuma opção metodológica é auto-suficiente e não há obstáculos intransponíveis entre abordagens metodológicas distintas.

NOTES ON THE EDUCATION RESEARCH: USAGES AND POSSIBILITIES OF THE FOCAL GROUP

This work presents some reflections and considerations on the dilemma between the education research and the usage of the focal group interview as a methodological alternative to collect and deepen the data analyses. Besides, it also indicates some basic procedures in the organization and conduction of the focal group interviews.

KEYWORDS: Education research. Focal group. Interviews. Qualitative research.

Referências

- FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- GURVITCH, G. *A vocação actual da sociologia*. 1. ed. Lisboa: Cosmos, 1979.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 1. ed. São Paulo: EPU, 1986.
- MORGAN, D. L. *Focus groups as qualitative research*. 2. ed. Londres: Sage University Paper, 1997. v. 16.
- SELLTIZ, C. et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1974.
- SMITH, J. K. Pesquisa quantitativa x qualitativa: uma tentativa de esclarecer o problema. *Educational Research*, Washington, v. 3, n. 1. p. 15-34, 1983.
- _____.; HESHUSIUS, L. Encerrando a conversa: o fim do debate quantitativo-qualitativo entre os pesquisadores educacionais. *Educational Research*, Washington, v. 6, n. 1, p. 51-70, 1986.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 1988.
- VAUGHN, S.; SCHUMM, J. S.; SINAGUB, J. M. *Focus groups interviews in education and psychology*. 1. ed. Londres: Sage, 1996.

recebido em: 13 set. 2005 / aprovado em: 1º dez. 2005

Para referenciar este texto

GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 275-290, jul./dez. 2005.